

REGIONALISMO NA CONTEMPORÂNEIDADE: AS VOZES DA CRÍTICA NO EM TORNO DE *GALILÉIA*

Carla Érica Oliveira FERREIRA
Universidade Federal de Uberlândia
carla.ceof@gmail.com

Resumo: Este trabalho realiza o estudo do romance *Galiléia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito, em face do regionalismo. Para tanto, são discutidos os vários sentidos que têm sido atribuídos ao termo regionalismo na contemporaneidade – anacronismo, resistência, *revisitação* – a fim de observar como o “em torno” do romance – crítica acadêmica, publicitária, virtual e voz do autor – se relaciona com o que a narrativa apresenta ou não de regionalista. Nesse sentido, analisa-se a obra em questão sob o recorte que contempla sua relação com o conceito discutido, e constrói-se um jogo de espelhos que visa verificar em que ponto as definições de regionalismo feitas no em torno são ou não constitutivas de *Galiléia*.

Palavras-chave: prosa brasileira contemporânea; regionalismo; crítica.

I. INTRODUÇÃO INTENÇÕES E LUGARES CRÍTICOS EM TORNO DE *GALILÉIA*

*Existe coisa mais fora de moda que um regionalista?*¹

A literatura, em qualquer época, relaciona-se com fatores externos ao texto que lhe são inextricáveis, seja o leitor, os críticos ou o próprio autor, uma vez que os posicionamentos destes em relação a um texto literário desencadeiam sua inclusão ou não em um paradigma. Logo, o que está “em torno” de uma obra determina, em grande medida, sua importância, tanto em face de outras que lhe são contemporâneas, como a par de toda a história da literatura. Partindo dessa perspectiva, a fim de verificar como o em torno de uma obra é constitutivo de seu valor, este trabalho têm como *corpus* ficcional o romance *Galiléia*, escrito por Ronaldo Correia de Brito. Para tanto, considera-se a voz da crítica, veiculada por meio de resenhas em jornais, revistas e sites especializados ou não e o posicionamento do autor, presente em mídias diversas. Com o intuito de analisar cada uma dessas vozes, estas foram organizadas a partir da conceituação de resenhas feita por Tânia Pellegrini (1999, p.163):

a crítica acadêmica, especializada, que funciona como um mecanismo de seleção e hierarquização da literatura, mais ou menos de acordo com os critérios do já institucionalizado e, de uma certa forma, às vezes refugiada nos suplementos como Folhetim (da Folha de S. Paulo) ou Cultura (de O Estado de S. Paulo) e aquela outra, feita pelas revistas semanais, cujo objetivo mais e mais foi se reduzindo a fazer propaganda dos novos produtos disponíveis nas estantes das livrarias.

A essa conceituação foram acrescentadas, em função das especificidades do *corpus*, as resenhas publicadas na internet, bem como entrevistas com o autor, o que configura a divisão desta análise nos seguintes itens: a) “crítica acadêmica”; b) “crítica publicitária”; c) “crítica virtual”; d) “voz do autor”. Além disso, por atentarmos para o fato de que o em torno de *Galiléia* é atravessado principalmente por discussões e posicionamentos, ora da crítica, ora do

¹ BRITO, R. C. *Galiléia*. p.163, 2008.

autor, que tocam incisivamente no termo regionalismo, fez-se necessário investigar também como este conceito se relaciona com a valoração da obra enquanto romance contemporâneo. Isso se justifica porque a noção de obra regionalista vem sendo recusada, por parte da crítica e do autor, sob a alegação de que seria um conceito inadequado à prosa de hoje, por já ter sido usado como conceito definidor de literaturas anteriores, cuja estética e temas eram outros. Sendo assim, problematizou-se o conceito de regionalismo e, em seguida, fez-se o espelhamento entre as vozes da crítica, o posicionamento do autor e o que o romance traz de regionalista. Efetivamente, visou-se, com essa análise, a situar como a crítica e o autor têm significado o regional na literatura e como a estética regionalista de fato constitui-se na narrativa de Ronaldo Correia de Brito.

II. MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado ao longo da pesquisa foi de caráter teórico, selecionado a partir de textos que contemplam a abordagem proposta; ficcional, considerando que a obra analisada é um romance; e crítico, tendo em vista que foram coletadas resenhas diversas de meios variados relacionados ao tema deste trabalho. Esse material foi submetido à descrição, análise e comparação a fim de dar conta da relação entre *Galiléia* e o regionalismo na contemporaneidade.

As teorias centrais dessa pesquisa que embasaram a discussão sobre o conceito de regionalismo foram a de Antonio Candido (2000), em *A educação pela noite e outros ensaios* a partir do que se pode pensar sobre a noção de “super-regionalismo”; e de Tânia Pellegrini (2008; 2004), em “Regiões, margens e fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos” e “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado”, a partir do que se pode problematizar o conceito na contemporaneidade, considerando a possibilidade de *revisitar* o regional. Da mesma autora, também foram definitivas as reflexões sobre categoria crítica, em *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea* (PELLEGRINI, 1999), que possibilitaram a organização de grande parte do material selecionado que compõe o “em torno” da obra.

O material que resultou na disposição da crítica acadêmica, publicitária e virtual, junto à voz do autor, foi selecionado em meios diversos – revistas, jornais impressos e virtuais – organizado, descrito e comparado à luz dos sentidos atribuídos ao regional por críticos diferentes.

Após isso, espelhou-se a postura do autor, os discursos da crítica e a própria obra em face do regionalismo, a fim de problematizar as relações estabelecidas entre essas vozes, o conceito de regional e o que é representado esteticamente no romance.

III. REGIONALISMO NA CONTEMPORANEIDADE?

A recusa do regionalismo na prosa contemporânea é feita por críticos que partem do pressuposto de que a literatura regionalista estaria esgotada com a produção da década de 1930, seja por um suposto passadismo do gênero, seja por hipoteticamente representar aspectos de uma realidade subdesenvolvida que não faria mais parte do retrato brasileiro contemporâneo. Dessa forma, se houvesse a sua suposta reincidência na contemporaneidade, isso seria a volta a uma estética exaurida há mais de meio século, logo, ultrapassada e anacrônica, *fora de moda*. Nesse sentido, *Galiléia* tem sido valorizado em função do que não teria de regional: “Podem dizer que a literatura de Ronaldo Correia de Brito é regional, mas não é. Muito pelo contrário. Sua literatura é universal. Suas histórias podem acontecer em qualquer lugar, com qualquer um.” (RODRIGUES, 2008).

Outro viés de análise é avaliar esteticamente as obras literárias contemporâneas a par do modo como seus autores superam, no texto, o regionalismo de 1930, cunhado sob o *Manifesto Regionalista de 1926*, de Gilberto Freyre². Dessa forma, nas obras posteriores a 1930, o caráter regional estaria apenas no cenário ou no aspecto geográfico, porém a temática seria universal, diferente daquela ligada ao trato das mazelas sociais. Antonio Candido pode ser tomado como exemplar desse tipo de abordagem, pois ao analisar obras posteriores à década 30, como a produção de João Guimarães Rosa, sugere que o valor dessa literatura se coloca no que ela não tem de localismo, pois estaria “solidamente plantada no que poderia chamar de a universalidade da região” e “corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento” (CANDIDO, 2000, p. 162). Para distinguir essa produção, atribuindo-lhe singularidade na literatura brasileira quanto ao regionalismo, Candido a conceitua a partir do termo “super-regionalismo”.

Dessa forma, o que fosse tomado como regional, e não como super-regional, seria a produção decorrente do subdesenvolvimento do Brasil, servindo à denúncia de problemas sociais. Logo, regional e universal seriam, hoje, inconciliáveis em uma obra que não trouxesse aquele apenas como cenário. Nessa perspectiva, o regionalismo “[...] tem sido visto, por uma parte da crítica, como um tipo de literatura presa a raízes que se querem esquecer ou, no melhor dos casos, superar.” (PELLEGRINI, 2004, p.139).

Em vista dessa rejeição do termo regionalismo por parte da crítica, autores como Ronaldo Correia de Brito também o têm repudiado, pois, segundo este:

Escritor regionalista deixou de ser aquele que fez parte do movimento do Recife e virou a caricatura de quem escreve trôpego e conta causos. [...] Para não ser considerado um regionalista, o escritor pernambucano precisaria ter escrito um texto sem nenhum caráter, algo tão sem identidade quanto um hambúrguer da McDonald's, que tanto faz ser comido na China, na Rússia ou nos Estados Unidos porque o sabor é sempre o mesmo. (BRITO, In: RODRIGUES, 2009)

Essa negação do termo regionalismo manifesta o repúdio não à crítica, possibilitando entrever a defesa da obra por seu autor, para o qual a inclusão de *Galiléia* em um paradigma regionalista de análise seria um estigma empobrecedor de seu valor estético. Esse posicionamento de Brito provavelmente se justifica na tomada anacrônica das obras contemporâneas por grande parte de seus resenhistas. Parece ser por isso que alguns autores, como Ronaldo Correia de Brito e Carlos Viana, “desconfiam que ‘regionalismo’ é um palavão que merece ser expurgado dos dicionários.” (GONÇALVES FILHO, 2005, p. 4).

Na contraparte dessa recusa do termo regionalismo, temos Tânia Pellegrini, que não toma partido contra esse conceito, antes disso aponta para um possível diálogo deste com a tradição. Assim, o regionalismo, hoje, diria respeito não apenas ao espaço enquanto território geográfico, mas a toda uma cultura calcada na tradição que se constitui em um espaço determinado: “São territórios extremos transformados em regiões literárias, que representam contextos e contratos identitários bastante característicos, construindo-se como forças agenciadoras de uma arquitetura radical da realidade transposta em linguagem.” (PELLEGRINI, 2008, p. 17).

Nesse sentido, o regionalismo não pode ser tomado como anacrônico ou superado, pois diz respeito, conforme Pellegrini, à tensão histórica entre “local e regional”, “centro e periferia”, ainda presente no Brasil em função das diversidades culturais, políticas,

² Gilberto Freyre é o criador do Centro Regionalista do Nordeste, fundado em 1923, que se tratava de um grupo engajado em um movimento ideológico artístico e cultural, paralelo ao do Modernismo de 22, por sua vez circunscrito ao eixo Rio – São Paulo. As principais discussões do grupo – que visava à descentralização desse eixo por meio da tomada crítica da realidade regional – compuseram o Centro Regionalista do Nordeste e foram registradas n’*O Manifesto Regionalista de 1926* (FREYRE, 1955). Ressalta-se que é a partir desse movimento que se constitui o “romance de 30”, regionalista com caráter de crítica social.

econômicas e geográficas, de forma que, na atualidade, funcionam como tema de criação artística. Assim, a prosa regionalista, hoje, embora se utilize também de temas tradicionais, elabora-os com particularidades de nosso tempo, sendo, portanto, correspondente à contemporaneidade. Tendo em vista essa habilidade de *revisitar* o tradicional para transformá-lo, atualizá-lo, Pellegrini (2004) conceitua esse fazer regionalista contemporâneo como “regionalismo revisitado”, pois o texto:

[...] consegue não esquecer, mas lembrar; não superar, mas resgatar em termos artísticos de inegável valor o impasse criado pelas desigualdades de fundo da vida social e da multifacetada cultura brasileira, num movimento de incorporação simultânea de termos heterogêneos e numa síntese de profundo significado humano e político. (PELLEGRINI, 2004, p. 136)

É sob a luz desses apontamentos de Tânia Pellegrini que os itens apresentados a seguir serão discutidos em face do regionalismo na contemporaneidade, com foco nas suas relações com *Galiléia*. Isso porque as análises da autora nos direcionam para uma visada sóbria da contemporaneidade, pois se pautam na tomada vertical do texto e visam analisar as obras a par de suas relações com o contexto contemporâneo.

IV. EM TORNO

A divisão das vozes do em torno, estabelecida neste trabalho, considerou para essa organização, além do meio de publicação, o objetivo e o uso da linguagem em cada resenha encontrada. Dessa forma, mesmo estando publicada em um jornal ou site não especializados, uma determinada resenha poderá ser considerada acadêmica à medida que se utilize de linguagem, objetivos e métodos de cunho acadêmico. Além disso, os textos foram selecionados quando fizeram uso dos termos regionalismo ou regional, em quaisquer de suas acepções, para caracterizar *Galiléia* ou a obra de Brito de um modo geral, de forma breve ou mais detida. A partir desse material, pretende-se desvelar como os textos, presentes em cada um dos itens a seguir, tratam a produção de Brito quanto ao conceito de regionalismo, bem como, se for possível, identificar um denominador comum no que compõe cada item.

A) CRÍTICA ACADÊMICA

As resenhas deste item foram retiradas dos seguintes suportes: internet, em que encontramos resenhas críticas e artigos; em jornais; periódicos e sites especializados, como o *Jornal Rascunho*, *Jornal de Poesia* e a *Revista Agulha*; e revistas impressas provenientes de Programas de Pós-Graduação e eventos na área de Letras, como a *Cerrados*. As resenhas acadêmicas, de um modo geral, visam a justificar o valor literário da obra de Ronaldo Correia de Brito em face da tradição literária, destacando a suposta capacidade de superação do regionalismo pelo autor, ou mesmo a ausência do regional em sua obra. Isso se verifica nas resenhas a seguir.

Dimas Macedo, em publicação no *Jornal de Poesia*, afirma que as produções de Brito:

exibem, como pano de fundo, uma temática já banalizada por um certo regionalismo umbilical e bairrista, mas que Ronaldo Correia de Brito universaliza com os recursos da sua escritura literária, captando do regionalismo exclusivamente aquilo que interessa à essência do humano, suporte nobre, portanto, da literatura universal como um todo, seja qual for a sua latitude ou instância de comportamento. (MACEDO, 2010)

Neste trecho, Macedo toma o regionalismo como “bairrista” e “umbilical”, porque os temas restritos a regiões geográficas supostamente já teriam sido explorados e esgotados e não mais interessariam à estética literária, por serem espaços fora dos grandes centros. Assim, seu material literário só tem valor na contemporaneidade se subtraído das particularidades do local para servir à arte apenas o que seja “essência do humano”. Conforme Macedo, parece ser impossível que a literatura concilie esta essência, universal, a uma cultura com características singulares, logo subdesenvolvidas, desprovidas dos mecanismos da globalização; por isso, o valor da obra está na capacidade do autor de universalizar o regional. É como se o único lugar possível para o regionalismo, hoje, fosse o “pano de fundo” de uma obra, enquanto seu cenário.

Também Eleuda Carvalho, em crítica sobre os contos de *Livro dos homens*, de Ronaldo Correia de Brito, segue essa via de análise ao tratar o regional como caráter negativo se presente em uma obra:

E ele está cravado no Sertão. Não pense o leitor que, ao afirmar isto, quero dizer que Ronaldo se circunscreva ao passado, ao arcaico ou ao regional. Muito ao contrário, o vigor de suas histórias [...] é precisamente a universalidade da mensagem, aliada ao sincero domínio de seu mister. (CARVALHO, 2008)

Eleuda deixa claro que o regional é sinônimo de “passado”, é “arcaico”, destoante da universalidade que Brito atinge em sua “mensagem”. Novamente, o regionalismo é associado a atraso e colocado na condição de espaço geográfico, o qual parece não ter nenhuma relação com os personagens, por mais que estes nele estejam “cravados”, que os distingam ou os singularizem em face das influências mútuas entre homem e meio.

Rinaldo de Fernandes, para o *Jornal Rascunho*, visando dividir o conto brasileiro do século XXI em cinco vertentes, trata do regional na contemporaneidade sob um ponto de vista geral, exemplificando-o com alguns autores, dentre os quais está Ronaldo Correia de Brito:

No que se refere aos escritores nordestinos: o Ciclo do Romance de 30 foi um acontecimento notável em nossa literatura, revelando autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Eles renovaram o romance brasileiro, projetando o Modernismo para a problemática social. Creio que, atualmente, autores nordestinos como Antônio Torres, Francisco Dantas, Ronaldo Correia de Brito ou mesmo Aldo Lopes de Araújo conseguem manter um diálogo rico, não raro original, com essa tradição do nosso romance regionalista. (FERNANDES, 2010)

Se por uma lado Fernandes diz haver um diálogo com a tradição, na seqüência do texto, referindo-se novamente a vários autores, bem como a Brito, Fernandes afirma que “Essa nova literatura urbana nordestina, por tratar de problemas parecidos com os dos grandes centros, não tem muita diferença da literatura produzida no Sudeste/Sul.” Mas como pode essa “nova literatura” ser regionalista e, simultaneamente, não se distinguir daquela urbana do Sudeste e do Sul, se o regionalismo muitas vezes é entendido como não urbano pelo próprio Fernandes, já que, em seguida, este coloca a obra de Brito na quarta vertente de sua análise, a “dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista”? Fernandes não vê muita diferença entre o que chama de “nova literatura nordestina” e a literatura do “Sudeste/Sul”, talvez porque ele também considere que o caráter regional está no aspecto geográfico das obras, pois os “problemas” presentes em ambas são parecidos. Portanto, o que definiria o regional não seria o modo de narrar ou de abordar os temas, mas o cenário onde estes se desenvolvem. Logo, o que o autor da resenha chama de diálogo com a tradição possivelmente se restringe à região geográfica onde os personagens se localizam.

Essas tomadas da literatura brasileira contemporânea regionalista corroboram uma visão anacrônica do presente, que atravessa boa parte da crítica acadêmica. Isso porque esta desconsidera as particularidades regionais típicas da diversidade cultural brasileira ainda presentes em nossa literatura, como se a urbanização já tivesse se consolidado em todo o país uniformemente, de modo que a distinção entre regiões não tivesse mais razão de ser.

Em resenha crítica escrita também para o *Jornal Rascunho*, Márcio Santos aponta para outro viés de análise, pois entende que:

O universo-sertão, o imenso, vasto sertão, na realidade e na fábula de Correia de Brito, enreda os que nele vivem e, sobretudo, os que chegam, praticamente impedindo a saída imediata - como se todos estivessem, não no sertão, mas numa Amazônia ou em outro Saara (talvez mais ou menos fácil seja chegar; partir, ah: mais fácil passar dentro de um buraco de agulha). (SANTOS, 2010)

Neste caso, o sertão é colocado como universo real e imaginado – “na realidade e na fábula” – com o qual os personagens se relacionam, são “enredados” por ele. Logo, Santos trata o sertão menos como espaço geográfico, do que como lugar ficcionalizado. Essa leitura aponta para o regional entrevistado nas relações mútuas entre homem e sertão, para o qual é necessário um modo de narrar que dê conta de suas especificidades, pois este não se trata apenas do espaço, uma vez que, à medida que “enreda” os personagens, participa deles, é também um sertão interiorizado.

Outra vertente da crítica acadêmica analisa o regionalismo na literatura brasileira contemporânea considerando de fato sua relação com a tradição, bem como seu caráter de artefato ficcional. Assim temos Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto (LEONEL; SEGATTO, 2010, p. 14), ao comparar Guimarães Rosa e Ronaldo Correia de Brito, tomam o regionalismo na obra deste como resistência, pois:

A sobrevivência da representação de determinadas características do sertão deve-se à permanência da iniquidade e da precariedade das condições da região no que se refere a policiamento, à justiça, à medicina, à religião. Os cenários representados demonstram a supervivência de relações pretéritas em que se mesclam e se digladiam elementos de racionalidade e encantamento; traços da ciência e concepções mágicas de cura; justiça institucionalizada e barbárie.

Essa “sobrevivência da representação” aponta para a uma literatura entendida como resistente em função de seus traços regionalistas, cujo mote não se esgotou, pois ainda há no sertão a “iniquidade” e a “precariedade”, trata-se de uma região que não foi totalmente modificada pela globalização e que é caracterizada por cultura particular, economia, política que até agora lhes são particulares.

Consoante com Segatto e Leonel, em artigo publicado na revista *Cerrados*, onde empreende uma análise de alguns contos de Brito, Juliana Santini entende a literatura regional como modo de representação:

A tradição, aqui deslindada como artefato ficcional, inclui-se na representação literária de um ‘território extremo’ (PELLEGRINI, 2008, p. 117), com traços que lhe são característicos ao mesmo tempo em que se mostra em seu processo de construção. No interior do sertão, o drama humano ensina como fazer uma narrativa de si mesmo. (SANTINI, 2009, p.268)

O ponto de vista desses quatro últimos críticos, diferente dos anteriormente citados, não recusa o termo regionalismo para conceituar a literatura de Brito, antes disso, tomam-no como representação do sertão enquanto espaço ficcional, interiorizado ou território cultural.

B) CRÍTICA PUBLICITÁRIA

As resenhas publicitárias foram coletadas de jornais impressos especializados e não-especializados, de sites de editoras, literatura e cultura, considerando para a seleção de cada texto a presença da divulgação da obra de Ronaldo Correia de Brito no mercado de livros. Visando a atingir o público leitor, dado o caráter publicitário do texto, os resenhistas buscam ressaltar o que consideram ser aspectos positivos da obra e que possam torná-la mercadológica a fim de despertar o interesse nos leitores de literatura, como é possível ver a seguir.

No jornal *O Estado de São Paulo*, antecedendo uma entrevista com Ronaldo Correia de Brito, Antonio Gonçalves Filho resenha brevemente *Galiléia* e destaca que “Há oito anos em preparo, ele sai da gaveta com carga explosiva, detonando o mundo arcaico do sertão com personagens vindos de um mundo laico, globalizado.” (GONÇALVES FILHO, 2008) Desse modo, *Galiléia* é tida como uma boa obra por não ser regional, pois seus personagens são apresentados como provenientes de um mundo “globalizado” e não “arcaico”. Isso possibilita entrever que, para o resenhista, o que lhe possibilitaria despertar o interesse do leitor e inserir *Galiléia* no mercado de livros, é mostrá-la como uma obra do presente, logo, condizente com o “mundo globalizado”, no qual qualquer traço regionalista seria indicação de passadismo da obra e portanto necessitaria ser detonado.

O mesmo se dá com Vivien Lando, ao afirmar que Brito “Felizmente, passa longe do *new* regionalismo que tentam lhe atribuir: se finca no presente e permanece atento a uma realidade na qual, até segunda ordem, a globalização é soberana.” (LANDO, 2008) Logo, o que se tem é o apagamento das diferenças que emanam das diversas regiões brasileiras, com o que se pretende justificar a falta de lugar do regionalismo na contemporaneidade, como se de fato fosse possível dizer que a “globalização é soberana” no Brasil. Assim, o regional seria um rótulo que tentam atribuir a *Galiléia*, como aponta também resenhista Diogo Guedes, no *site* da revista *Continente Cultural*, ao ressaltar que Brito é um “autor, que não teme ser rotulado de regionalista [...]” (GUEDES, 2010).

Nessa perspectiva, também Andrea Ribeiro, em texto publicado no *Jornal Rascunho*, afirma que:

O cenário, como em seus outros trabalhos, é o sertão nordestino. Mas ele não aceita o rótulo de escritor regionalista. É fácil entender. Quase todos os personagens que aparecem nos contos poderiam ter qualquer nome e estar em qualquer lugar do mundo. A limitação geográfica é “ilustrativa”. É uma forma de oferecer ao leitor um reforço de imagens, já que ele viveu naqueles locais, passou por aquelas gentes e ouviu seus sotaques. É uma opção do escritor, que fala, sim, de assuntos que tocam a todos. (RIBEIRO, 2010)

Sob esse viés, observa-se que o regional, além de novamente ser estigmatizado como rótulo, é ressaltado como mera “ilustração”, compreendido apenas enquanto cenário de cunho autobiográfico, pois é como se o espaço do sertão não afetasse os personagens ou o decorrer da narrativa, mas compusesse o livro por vaidade do autor em fazer referências às suas origens, já que é uma “opção do escritor” por ele ter vivido “naqueles locais”. Portanto, conforme Ribeiro, se o sertão não é nada mais que uma referência, não afeta a universalidade de *Galiléia*.

Também Rodrigues, em resenha publicada no *site* da editora Cosac Naify, se coloca na esteira da resenhista no que diz respeito à noção de universalidade, pois assegura que “Podem dizer que a literatura de Ronaldo Correia de Brito é regional, mas não é. Muito pelo contrário. Sua literatura é universal. Suas histórias podem acontecer em qualquer lugar, com qualquer um.” (RODRIGUES, 2009) Para ambos resenhistas, regionalismo e universalidade são inconciliáveis, sugerem que a universalidade de *Galiléia* está na suposta ausência do regional.

No caso da crítica publicitária, temos que os resenhistas percorrem o tom de recusa veemente do regionalismo para caracterizar a obra, em função de atribuir não um valor literário – como ocorre em parte das críticas acadêmicas –, mas um valor de mercado, ao livro tomado como produto.

C) CRÍTICA VIRTUAL

Nesta seção, reúne-se a crítica cujo traço principal não é nem a publicidade, à serviço do mercado editorial, nem a análise voltada à academia, de modo que, por mais que em segunda instância os textos aqui reunidos possam convir, em alguns casos, a ambas finalidades, definem-se principalmente pela análise em função do gosto, na qual se sobressai a opinião do crítico enquanto leitor de literatura, desobrigado de qualquer outra função.

A presença da *Copa de Literatura Brasileira*, neste caso, faz-se fundamental, pois se trata de um “lugar” de discussão característico da contemporaneidade: a *web*; além disso, boa parte dos críticos da *CLB* fez uso do regional em suas resenhas. O site foi criado por Lucas Murtinho com o objetivo de promover a discussão acerca da literatura contemporânea, pois se trata de uma “copa de livros” da qual participam as obras publicadas no ano anterior àquele em que esta ocorre. Como em uma copa esportiva, as obras competem desde as Oitavas de Final até a grande Final. Cada jogo é composto por dois livros, cujo julgamento é feito por um jurado – previamente convidado por Murtinho a participar da Copa – que resenha os dois livros do jogo e escolhe seu vencedor. Os jurados são de formação distinta, dentre os quais encontramos escritores, jornalistas, acadêmicos, de modo que também as resenhas feitas por estes variam em linguagem e tom. Além disso, a *CLB* conta também com a participação de seu público, que lê as obras e discute, por meio de postagens, as resenhas dos jurados. Desse modo, define-se qual é o melhor livro do ano. Porém, Murtinho, ao longo da apresentação do site, ressalta que o principal objetivo da *CLB* é propiciar a discussão sobre literatura.

Galiléia participou da segunda edição da *CLB*, no ano de 2009, e teve boa aceitação dos jurados, pois, embora não a tenha vencido, chegou até a Final. Ao longo de sua participação nos jogos, o regional foi utilizado para justificar a escolha dos jurados, ora sendo recusado, ora sendo apontado como traço componente da obra.

Simone Campos, escritora de literatura, no jogo 10 da *CLB* afirma:

Leio a sinopse de *Galiléia*: ‘três primos atravessam o sertão cearense para visitar o avô, patriarca que define na sede da fazenda *Galiléia*’. Penso que aquele livro vai me matar de tédio. Quem quer saber de velório no meio do mato? Eu não. Mas *Galiléia* se passa mais na cabeça e nos corações dos homens do que no mato. É bom não ser chauvinista de rejeitar (ou aprovar) um romance pela sinopse ou ambientação [...]. (CAMPOS, 2009)

A resenha da autora sugere que o sertão em *Galiléia* é uma “ambientação” e que, apesar desta ser o “meio do mato”, o livro é bom porque não se restringe a esse espaço *fora de moda*, pois sua história acontece principalmente “na cabeça e nos corações dos homens”. Desse modo, a presença do sertão é recusada no início e amenizada, em seguida, em função de ser tomada como cenário.

Diferente de Campos, Doutor Plausível, no jogo 13, desfavorece *Galiléia*, na *CLB*, ressaltando que:

O livro todo se baseia numa dissonância entre o orgulho de ser judeu em meio a jucás e a vexação de ser sertanejo em meio a Europas e Nova Iorques. Pode ser uma pena que o politicamente correto esburaqueie uma catarse inteligente, mas é uma pena ainda maior que o Brasil tenha dissonâncias tão profundas, que escamoteá-las possa parecer a opção mais sábia. (PLAUSÍVEL, 2009)

O resenhista cunhado como Doutor Plausível, ao afirmar que Brito escamotearia as “dissonâncias tão profundas” do Brasil, como as existentes entre o sertão nordestino de *Galiléia* e a Europa, por exemplo, aponta para a existência de singularidades pertencentes à referida região que afetam os personagens da obra. Afinal, parece ser na relação com esse espaço que a “vexação” e o “orgulho” se constroem. O regional parece, então, ultrapassar, na perspectiva do resenhista, o caráter de espaço geográfico para compor o homem.

Na Final da *CLB*, Leandro Oliveira coloca que:

A proposta de mistura entre a tradição bíblica e a tradição literária do sertão nordestino parecia ousada e original. Imaginei surgir dali uma atualização do surrado regionalismo, uma parte importante da literatura brasileira que virou motivo de paródia, não agradando mais a muitos leitores. (OLIVEIRA, 2009)

Esse resenhista aponta que o regionalismo deveria ser “atualizado”, intento que não vê alcançado por Brito, logo, sugere que *Galiléia* não ultrapassaria o “surrado regionalismo”.

Além da *CLB*, foram retiradas críticas virtuais de sites cujo propósito é o mesmo da *Copa*: discutir literatura contemporânea. Neste caso, Thiago Corrêa, em seu *blog*, escreve sobre o romance de Brito incidindo sobre o conceito de regionalismo de forma a considerar o sertão, para além do cenário, como região que compõe o “imaginário” brasileiro: “Um livro sobre o Sertão. *Galiléia*, romance de Ronaldo Correia de Brito, é um ensaio ficcional sobre essa região que se instalou com tons míticos em nosso imaginário.” (CORRÊA, 2009)

Também em um *blog*, *Paisagens da crítica*, o resenhista toma uma perspectiva de análise que considera o regional mais do que uma referência à geografia do sertão em *Galiléia*:

Mas Correia de Brito não confina seus personagens apenas aos labirintos do passado. Eles se perdem também na geografia do sertão. E *Galiléia* sonda, assim, o lugar do regionalismo na nova prosa brasileira. [...] Porque o sertão de *Galiléia* é como o de Euclides da Cunha, de Graciliano Ramos ou de Guimarães Rosa. É como a Amazônia de Milton Hatoum – para ficar num paralelo atual. É a localidade conversadora do mundo. [...] A ubiqüidade do sertão, porém, não traz liberdade para seus filhos; o sertão os acompanha quando vão para o recife, para Nova York ou para a Noruega. Ele se entranha na pele [...]. (PINTO, 2009)

Júlio Pimentel Pinto faz uma reflexão mais detida daquilo que seria o regional em *Galiléia*, pois relaciona o conceito à literatura contemporânea, bem como à tradição, para apresentar o sertão tanto como espaço onde os personagens se perdem como espaço interiorizado que “acompanha” os personagens.

As críticas virtuais, assim como as acadêmicas, compuseram um item misto, que é atravessado tanto pelos anacronismos, que tomam o regional como mero cenário, como pela perspectiva contemporânea de leitura, que atenta para a possível presença das relações entre contemporaneidade e tradição em *Galiléia*.

D) VOZ DO AUTOR

A voz do autor foi selecionada a partir de entrevistas feitas com Ronaldo Correia de Brito que foram publicadas em páginas on-line, como a da editora Cosac Naify e do *Jornal Rascunho*, em colunas do autor em revistas e em resenhas onde foram citados comentários dele sobre sua obra. O critério de seleção considerou os textos que dizem respeito ao regional na produção literária do autor, onde também se constatou que Brito se refere com frequência ao modo como parte da crítica tem atribuído valor a sua obra em face do regionalismo, termo a que ele vem se opondo veementemente, como se constata nos recortes de sua voz a seguir.

À medida que esses trechos forem sendo apresentados, será feito o espelhamento entre os mesmos e as manifestações da crítica, a fim de se compor um todo coeso que desvele em que ponto crítica e autor se tocam ao atribuir valor a *Galiléia*.

Em entrevista dada a Rogério Pereira para *Jornal Rascunho*, Brito deixa claro sua recusa ao conceito de regionalismo usado por parte da crítica para avaliar sua obra:

O que virou um clichê imperdoável foi associar o espaço geográfico do sertão às piores formas do "regionalismo", ressaltadas pelo cinema do ciclo do cangaço e pelas novelas de televisão que carregam no sotaque. Como escreveu Luiz Antonio de Assis Brasil: 'Devemos, a bem da limpeza conceitual, não usar mais o termo 'regionalista' para os casos contemporâneos. A higiene literária assim o deseja'. (BRITO, In: PEREIRA, 2009)

Nesse caso, o autor entende o regionalismo como um clichê que é utilizado para associar o sertão, enquanto espaço geográfico, aos personagens caricaturizados presentes em novelas e filmes, tipos sem relevância para a literatura contemporânea, pois não lhe trariam novidade estética. Se atentarmos para a rotulação fundamentada nessa vinculação do regional à caricatura, que tem sido feita por muitos críticos do em torno, conforme se apresentou ao longo dos itens deste, é possível observar que a recusa do termo pelo autor pode ser analisada a par da postura da crítica.

Logo, fica patente que um dos motivos que levam Brito a destoar dessa tomada do regional se relaciona com a definição do próprio sertão, consoante com o modo pelo qual este é definido. Isso se justifica porque enquanto alguns críticos dizem que a presença deste se dá apenas como cenário, e que como tema já teria sido esgotado, o autor afirma que o sertão “[...] é uma invenção pessoal de cada escritor” (BRITO, In: PEREIRA, 2009), pois:

[...] tanto pode significar um espaço mítico como um acidente geográfico. Santo Agostinho perguntava sobre o tempo: o que é o tempo? Se não me perguntam eu sei, se me perguntam, desconheço. O que é o sertão? Se não me perguntam eu sei, se me perguntam desconheço. O sertão é abstrato ou real como o tempo. E continuará sendo tema para a literatura. O sertão é um espaço de memória confundido com o urbano.

Portanto, se o autor não considera o sertão um tema esgotado, ou apenas um cenário para a literatura brasileira contemporânea, sua postura se harmoniza com aquela parcela da crítica, presente dentre a crítica acadêmica e a virtual, segundo a qual o regional hoje não condiz com a caricatura. Sob esse prisma, autor e essa parte da crítica convergem para a consideração do sertão como espaço mítico, o que possivelmente conformaria o regional como sobrevivência ressignificada de uma forma de representação dos dramas singulares da “região”, ao passo que a globalização não foi uniforme como querem os trabalhos que visam à publicidade ou que tomam o regional como anacronia.

Atrelada a essas considerações sobre o conceito do próprio sertão, Brito enfatiza a dissonância entre sua produção e aquela de 1930, que considera de fato esgotada, pois segundo ele, conforme publicado em sua coluna na página do *Terra Magazine*:

Passado o Movimento Regionalista, aquele do romance de 1930, inventado por Gilberto Freyre para contrapor-se à onda modernista de 1922, o termo regionalista ganhou significado pejorativo, referindo-se a tudo o que se produzia fora do eixo Rio/São Paulo e, portanto, de qualidade suspeita. [...] (BRITO, 2009)

Entretanto, ressalta que há grandes possibilidades de produção literária a partir da região Nordeste, pois os seus dramas não teriam sido esgotados enquanto mote para representação artística:

Tivemos um ciclo épico e de tragédias nesse vasto sertão cearense. Nada disso foi representado até o esgotamento, como o ciclo do faroeste americano, a conquista do Oeste. Cadê os nossos John Huston, John Ford, Roberto Leone? Glauber e os diretores do ciclo do cangaço fizeram uma leitura sobretudo do social. Os acontecimentos foram bem mais transcendentais. A nova geração de escritores prefere escrever sobre os dramas urbanos. (BRITO, 2010)

Essa afirmação de Brito também se relaciona harmonicamente com aquela apresentada por uma pequena parcela da crítica acadêmica, a qual considera que o drama humano, no sertão, ensina como deve ser representado.

V. O ROMANCE

O romance *Galiléia* trata-se da narração de uma viagem pelo Ceará com início no caminho de volta à fazenda Galiléia, localizada no sertão dos Inhamuns. Os primos Adonias, Ismael e Davi, que conviveram na fazenda ao longo da infância, viajam juntos para ver o avô Raimundo Caetano, que faz aniversário e está moribundo. Ao longo desse percurso, atravessam um espaço em alguns aspectos distinto daquele que conheceram quando crianças, porém com muitas semelhanças, o que leva os personagens a experienciar o sertão.

Nesse sentido, Adonias, o narrador, trava o enfrentamento de dois tempos simultâneos, o passado, por meio da memória, e o presente através do novo contato com os primos e com o sertão: “Davi e Ismael consultam-me com os olhos; temem que eu desista da viagem. Não dependem de mim para continuar, mas sou eu que intervenho nas disputas entre eles, desde quando tocávamos rebanho de carneiros e feri o calcanhar, em uma tarde como essa.” (BRITO, 2008, p. 7) Assim, o cenário de *Galiléia* é, em certa medida, constitutivo das ações humanas, se torna um espaço de vivência, é a tarde que remete Adonias para um acontecimento vivido em outra tarde semelhante.

O cenário, portanto, é interiorizado pelos personagens, os constitui, está em seus medos, traumas, crenças, nas histórias de seus antepassados, é um espaço construído, mitológico, que situa os personagens e se situa na memória deles: “Consternado, lembrei da família. Ela ainda se agarra à terra que já foi rica e assegurou poder, e hoje sobrevive como um criatório de gente, que, mal nasce, vai embora.” (BRITO, 2008, p. 12). Sob esse aspecto, o cenário é fundamental para a construção da obra, pois esses sujeitos não poderiam ser colocados em qualquer lugar do mundo sem que se alterassem suas inquietações e cultura.

Nessa perspectiva, não só o personagem, mas também o sertão de *Galiléia* comportam temporalidades distintas, passado e presente costurados, pois ao mesmo tempo em que seus moradores se equipam com celulares e motocicletas, elementos da modernidade do tempo presente, estes são apropriados pelos indivíduos arcaicamente, diferente da forma como ocorre nos centros urbanos. O celular torna-se objeto de desejo e leva um adolescente a cometer o roubo, mas para usá-lo em uma área onde não há sinal para telefones. A motocicleta é incorporada ao sertão, porém não apenas para ser usada em viagens, como meio de transporte, mas substituindo o cavalo: “Mulher em motocicleta carrega uma velha na garupa e tange três vacas magras. Dois mitos se desfazem diante dos meus olhos, num só instante: o vaqueiro macho, encourado, e o cavalo das histórias de heróis, quando se puxavam bois pelo rabo.” (BRITO, 2008, p.8).

Logo, a referência ao sertão transcende a citação do dado geográfico, é, antes disso, a representação do movimento compensatório de um tipo de modernização conservadora sofrida por esse espaço, em que o elemento moderno é particularizado ao lado da conservação do arcaico, configurando o sertão de *Galiléia* como um território híbrido.

Se nessa representação das temporalidades que convivem no sertão este ultrapassa o caráter de cenário para estabelecer uma relação com a experiência humana, isso aponta para a tessitura, em *Galiléia*, de um sertão simbólico, ficcionalizado, ao lado da configuração geográfica, como se coloca na narração de Adonias: “O calor me enfada. Ele vem das pedras que afloram por todos os lados, como planta rasteira. Nada lembra mais o silêncio do que a pedra, matéria-prima do sertão que percorremos em alta velocidade.” (BRITO, 2008, p. 7) O personagem não fica ileso ao clima, ou às pedras, há um desconforto que é gerado menos pelo calor do que pela relação que o personagem faz da pedra com o silêncio.

Além do clima, as referências à fauna e à flora do lugar também são ficcionalizadas, via reincidência de nomes de pássaros e plantas na memória e no presente dos personagens, como no seguinte trecho da fala de Ismael:

– Adonias, eu vou dizer o nome das árvores que conheço. Sei detalhes das folhas, dos troncos e da floração de cada uma delas. Não pense que essa lembrança é inútil. Ela me serviu muito, no tempo em que fui preso na Noruega. Quando não tinha nada o que fazer, eu imaginava a floresta, as plantinhas mais bestas. Escrevia os nomes num caderno, desenhava as flores e chorava arrependido do rumo que dei à minha vida. Só desse jeito eu aliviava a depressão. (BRITO, 2008, p. 12-13)

Então, a flora existe também na memória dos personagens, participa de um modo particular, sendo significada a partir de uma apropriação individual que os personagens fazem da geografia. Isso se verifica na relação distinta que Adonias tem com as mesmas plantas, a partir de uma experiência outra: “Meu pai exigia que eu memorizasse os nomes das plantas da caatinga, por mais insignificantes que me parecessem, eu recitava os nomes, mas era incapaz de reconhecer as árvores. [...] Carreguei esses nomes como se fossem fantasmas, sentindo-me culpado se os esquecia.” (BRITO, 2008, p. 12).

O sertão, portanto, é tecido como uma dimensão humana, só é o espaço geográfico, o cenário circundante, se indissociável da sua relação com os personagens, pelos quais é interiorizado. Isso aponta para um fazer estético consciente de sua criação, para a escritura do texto como um construto ficcional, o que fica mais evidente em algumas reflexões do narrador: “Inventei essa história. Consultem uma cartomante, se desejam conhecer o final.” (BRITO, 2008, p. 233).

VI. CONCLUSÃO

REGIONALISMO: O EM TORNO E *GALILÉIA*

Essa construção do sertão de *Galiléia*, se colocada ao lado dos posicionamentos distintos que encontramos entre a crítica acadêmica, a virtual, a publicitária e a voz do autor, nos possibilita apontar em que medida as afirmações dessas vozes são confirmadas ou desestabilizadas pelo romance. Assim, estas também podem ser correlacionadas entre si a fim de verificar em que momentos se coadunam ou se contradizem à medida que *Galiléia* as reflete ou não nesse jogo de espelhos.

Quando retomamos a crítica acadêmica temos, de um modo geral, dois posicionamentos distintos que a atravessam, aqueles críticos que atribuem a *Galiléia* um valor positivo em relação à literatura contemporânea, justificando-o sob a afirmação de que a obra superaria o regionalismo. Dessa forma, este, por sua vez, é considerado apenas enquanto espaço geográfico, que por isso não faria mais sentido na literatura por ser arcaico e estar esgotado enquanto tema. Outros críticos dessa vertente apontam para um modelo de análise do romance, em face do regional, que visualiza nele uma reestruturação estética, conforme a qual o regionalismo estaria presente em *Galiléia* sob uma ressignificação enquanto modo de representação. Isso é sustentado por esses críticos com base na existência de dramas que não

se esgotaram enquanto representação literária e que exigem uma estética específica, capaz de tematizá-los.

Sendo assim, se o sertão é configurado, em *Galiléia*, como espaço experienciado individualmente pelos personagens, de modo que, nestes, os elementos daquele despertam memória, reflexão e vivência, o romance desestabiliza a abordagem da primeira parcela da crítica acadêmica. Afinal não parece ser possível sustentar que o espaço é apenas um cenário que não se relaciona com os personagens, pois suas relações com o espaço o colocam, antes disso, na condição de “artefato ficcional” (SANTINI, 2009), que atravessa toda a estrutura do romance.

A crítica publicitária, por sua vez, toma partido do romance sob uma perspectiva consoante com a daqueles críticos acadêmicos que avaliam *Galiléia* sem levar em conta a dimensão humana do sertão a par de sua ficcionalização. Além disso, coincidem alguns apontamentos dessas duas modalidades críticas quando estas defendem a inaplicabilidade do termo regionalismo ao romance em função deste ser escrito em tempos de globalização, onde qualquer tomada do regional seria indevida porque arcaica. Logo, esse nivelamento das diversidades regionais, feito por parte da crítica, é desestabilizado no romance, pois ocorre um movimento inverso na narrativa, esta representa justamente a convivência de temporalidades distintas. Isso desvela tanto uma globalização que não é soberana, como a quer Vivien Lando (2008), quanto a possível incorporação de um caráter regional que não seria arcaizante, ao contrário do que afirma Eleuda de Carvalho (2005).

Essa incongruência com o que o romance apresenta também acontece a uma parte da crítica virtual que, assim como a acadêmica, resenha *Galiléia* sob pontos de vista distintos, neste caso, alguns críticos também consideram o sertão apenas como geografia e outros não, o que dá azo para a recusa ou aceitação do termo regionalista para avaliar o romance. Para fundamentar essa primeira tomada do sertão, afirma-se que, se existe algo que pode ser associado à região, isto é a “ambientação” (CAMPOS, 2009), que quando ocorre trata-se de uma “limitação geográfica” apenas “ilustrativa”, como coloca Andrea Ribeiro (2010). Dessa forma, à narrativa em questão não poderia ser aplicado o regionalismo, por este ser entendido como “bairrista”, não universal, consoante com Macedo (2010), situado na crítica acadêmica.

Outra parcela da crítica virtual compartilha da visão daqueles críticos acadêmicos que não tomam o sertão de *Galiléia* somente como cenário, mas vislumbram nele um espaço ficcionalizado que é constitutivo dos personagens, que “entranha na pele” deles (PINTO, 2009), indicando a “sobrevivência da representação” (LEONEL; SEGATTO, 2010) de uma região que ainda comporta problemas particulares, em muitos aspectos, que sobrevivem como tema.

No que diz respeito ao posicionamento do autor, é possível perceber que a recusa do termo regionalismo incide sobre aquela parcela da crítica que avalia *Galiléia* considerando seu sertão sob os mesmos moldes da caricatura do regional feitos pelas novelas televisivas ou pelo cinema do ciclo do cangaço (BRITO, In: PEREIRA, 2009). Logo, o que o autor recusa é a análise apressada da crítica que não associa a geografia, presente no romance, à dimensão humana e ficcional que lhe é dada. Em função desse problema de interpretação crítica, é que Brito propõe que o conceito de regionalista não seja usado para fazer referência à literatura na contemporaneidade (BRITO, In: PEREIRA, 2009).

Além disso, Brito recusa qualquer análise que tome sua obra nos mesmos termos do romance de 30, o qual afirma ter se esgotado, por seu vínculo com as idéias de Gilberto Freyre. Por outro lado, evidencia que os dramas do sertão cearense não foram representados à exaustão (BRITO, 2010). Logo, pode-se estabelecer uma relação de conciliação entre parte da voz do autor e a narrativa, afinal, seus reflexos se harmonizam quanto à tomada do sertão como um espaço ficcionalizado, mítico, experienciado pelos personagens.

Porém, enquanto Brito expurga o conceito de regionalismo da literatura contemporânea, o romance aponta para uma possível ressignificação do termo. Afinal, se as particularidades da região ainda são mote de uma estética com traços específicos, capaz de representá-la, como se dá na narrativa a representação que dá conta das temporalidades distintas que atravessam o sertão cearense, é possível, conforme aponta Pellegrini (2004), que o regionalismo esteja sendo revisitado na contemporaneidade, em um exercício estético que atualiza a tradição.

Assim, colocam-se em xeque as afirmações da crítica que tendem a um reducionismo do romance, em função de se utilizar de métodos de análise anacrônicos para lidar com a literatura contemporânea. Logo, fica evidente a necessidade de avaliar de modo mais detido o lugar do regionalismo nessa literatura, porque o romance de Brito não se enquadra totalmente nos paradigmas do romance de 30, tampouco está totalmente desvinculado da literatura regional. À luz dessas discussões, parece mesmo que “[...] Galiléia sonda, assim, o lugar do regionalismo na nova prosa brasileira.” (PINTO, 2009), ao mesmo tempo em que se instaura a necessidade de se investigar esse “lugar”, pois uma análise que se pretenda relevante para a inclusão ou não de *Galiléia*, ou de obras literárias, de um modo geral, em determinado paradigma, necessita considerá-las “enquanto projeto estético, diretamente ligadas às modificações operadas na linguagem e enquanto projeto ideológico, diretamente atadas ao pensamento (visão de mundo) de sua época.” (LAFETÁ, 2004, p. 55).

VI – REFERÊNCIAS

BRITO, R. C. de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____. *Ignorância ou preconceito?* Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2016029-EI6788,00.html>>, acesso em: 15/10/2009.

_____. *Livro: Galiléia*. Disponível em: <<http://www.livrariaresposta.com.br/v2/produto.php?id=5098>>, acesso em: 30/02/2010.

CAMPOS, S. *Jogo 10: Simone Campos*. Disponível em: <<http://copadeliteratura.com/2009/jogo10>>, acesso em: 10/12/2009.

CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

CARVALHO, E. de. *Escritos de vida e morte*. In: *Jornal O POVO*, 06/04/2005.

CASTRO, A. *Final: Alex Castro*. Disponível em: <<http://www.copadeliteratura.com>>, acesso em: 10/12/2009.

CHARBEL, F. *Jogo 4: Felipe Charbel*. Disponível em: <<http://www.copadeliteratura.com/2009/jogo4/>>, acesso em: 10/12/2009.

CHIAPPINI, L. Velha praga? Regionalismo literário brasileiro. In: PIZZARRO, A. (Org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 665-702. v. 2.

CORRÊA, T. *As vísceras do Sertão mítico*. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/2009/03/galileia-de-ronaldo-correia-de-brito/>>, acesso em: 10/12/2009.

FERNANDES, R de. *O conto brasileiro do século 21*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&lista=&secao=25&subsecao=0&ordem=3429&submenu=0&semliмите=todos>>, acesso em: 21/07/2010.

GONÇALVES FILHO, A. Uma viagem ao mundo arcaico. *O Estado de São Paulo*. 26/10/2008. NILS.

GUEDES, D. *Ronaldo Correia de Brito lança Galiléia*. Disponível em: <http://www.continentemulticultural.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3621%3Aronaldo-correia-de-brito-lanca-galileia&Itemid=70>, acesso em: 31/05/2010.

LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000.

LANDO, V. Em “Galiléia”, autor usa Bíblia para contar história no sertão. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 nov. 2008. Ilustrada, p. 1.

LEONEL, M. C. de M; SEGATTO, J. A. *Confluências, contrastes e resistências no regionalismo brasileiro: Guimarães Rosa e Ronaldo Correia de Brito*. VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas – Universidade do Minho 2009/2010. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/outras_publicacoes_online_col_outono.htm>, acesso em: 21/05/2010.

MACEDO, Dimas. Narrativas de Ronaldo Brito. *Jornal de poesia*. 2005. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/dimas5.html>>, acesso em: 12/01/2010.

OLIVEIRA, L. *Final: Leandro Oliveira*. Disponível em: <<http://www.copadeliteratura.com>>, acesso em: 10/12/2009.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra: Aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo, Fapesp, 1999.

_____. *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*. Luso-Brazilian Review, Wisconsin, v. 41, n. 1, p. 121-138, 2004.

_____. *Regiões, margens e fronteiras: Milton Hatoum e Graciliano Ramos*. In: _____. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2008. p. 117-136.

PEREIRA, R. *Obsessivo pela exatidão*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&lista=&secao=5&subsecao=0&ordem=2857&submenu=0&semliмите=todos>>, acesso em: 10/12/2009.

PINTO, J. P. *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito. Disponível em: <<http://paisagensdacritica.wordpress.com/2009/01/04/galileia-de-ronaldo-correia-de-brito/>>, acesso em: 10/12/2009.

PLAUSÍVEL, *Jogo 13: DR Plausível*. Disponível em: <<http://copadeliteratura.com/2009/jogo13>>, acesso em: 10/12/2009.

RIBEIRO, A. *Escrituras sertanejas*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&lista=&secao=25&subsecao=0&ordem=650&submenu=0&semlimite=todos>>, acesso em: 07/07/2010.

RODRIGUES, R. *Leia entrevista com o autor de Livro dos homens e Faca*. Disponível em: <http://www.cosacnaify.com.br/noticias/ronaldo_correia.asp>, acesso em: 10/12/2009.

SANTINI, J. Cerrados. *Entre a memória e a invenção: a tradição na literatura brasileira contemporânea*. Revista Cerrados, Universidade de Brasília, v. 18, n. 27, p. 253-270, 2009.

SANTOS, M. R. dos. *Famílias terrivelmente infelizes*. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=2854>>, acesso em: 05/05/2010.